

Territórios de Aprendizagem

GUIA

**DE APOIO
PEDAGÓGICO**

Territórios de Aprendizagem

GUIA DE APOIO PEDAGÓGICO - 2015



O saber comunitário

dando sabor à escola

Realização:



Parceria:



Apoio:





SUMÁRIO

PROJETO TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM > > > 4

- Histórico > > > 6
- Proposta pedagógica > > > 11
- Metodologia > > > 19

GUIA DE APOIO PEDAGÓGICO > > > 22

- Trilhas Pedagógicas
- Trilha 1: Gincana Educologia > > > 24
- Trilha 2: Sistematização > > > 25
- Trilha 3: Experimentar a apropriação dos saberes locais ao ensino do currículo formal > > > 30
- Trilha 4: Avaliação: Alunos > > > 30
Material > > > 31

ATIVIDADES > > > 36

- 1º e 2º ano do Ensino Fundamental > > > 37
- 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental > > > 58

Anotações gerais do (a) professor (a) > > > 79

Para ler e descobrir mais > > > 80

Referências bibliográficas > > > 82

Expediente > > > 83

Professores participantes do projeto > > > 84

RIO ARAPIUNS

ANÃ



Escola São Pedro, da comunidade São Pedro

SÃO PEDRO

RESEX TAPAJÓS - ARAPIUNS

SURUACÁ

RIO TAPAJÓS

CARANAZAL

EIXO FORTE



Escola João Franco Sarmiento, da comunidade Suruacá



Escola Nossa Senhora de Fátima, da comunidade do Anã



Escola St. Inácio de Loyola, da comunidade de Boim.

BOIM



Escola Irmã Dorothy, da comunidade do Caranazal

Realização:



Parceria:



Apoio:



PROJETO TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM



O Projeto Territórios de Aprendizagem, fruto da parceria entre o Projeto Saúde e Alegria – PSA e a Secretaria Municipal de Educação de Santarém com o apoio do Programa Norte de Saberes da Fundação Carlos Chagas, surge com o intuito de trazer referências pedagógicas que possam contribuir no processo de conquista das melhorias necessárias à educação no contexto amazônico.

O programa compreende a escola a partir do conceito de território – espaço marcado não apenas pelas características geográficas, como também pelas relações humanas – auxiliando os sujeitos na compreensão de sua realidade, para que se tornem cidadãos mais críticos e reflexivos e que possam assim agir sobre ela.

O projeto se propôs então, a ajudar no fortalecimento da função social das escolas especialmente no território da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Resex), o qual demanda processos educativos capazes de fortalecer o senso de territorialidade de sua população, especialmente das novas gerações.

Nesta caminhada, adotamos como principal objetivo colaborar para a redução do espaço entre o ensino formal e a realidade sociocultural e ambiental dos alunos, possibilitando a construção de uma aprendizagem significativa que resulte na melhoria dos indicadores de sucesso escolar.

Para alcançar este objetivo, trabalhamos com o conceito de comunidades de aprendizagem, onde o coletivo passa a valorizar e vivenciar seus saberes comunitários dentro escola. A proposta mobiliza educadores, alunos, lideranças e moradores em geral, inserindo o projeto numa dimensão mais ampla sobre a gestão participativa da Resex Tapajós-Arapiuns.

Em seu primeiro ciclo de atuação, foram selecionadas quatro escolas na Resex, e um núcleo no planalto Santareno, para uma experiência piloto: no Eixo Forte, a Escola municipal de tempo integral Irmã Dorothi, da comunidade do Caranazal; e na Resex – Escola Nossa Senhora de Fátima, da comunidade do Anã; a Escola João Franco Sarmento, da comunidade Suruacá; a Escola São Pedro, da comunidade São Pedro; a Escola St. Inácio de Loyola, da comunidade de Boim.

Os professores e gestores destas escolas participaram de oficinas, nas quais, tiveram contato com novas referências conceituais sobre educação do campo, educação ambiental, territorialidade, e sobre metodologias a serem utilizadas inicialmente nas primeiras etapas do projeto nas escolas, sendo também estimulados à inclusão da experiência no Projeto Político Pedagógico das escolas.

É importante ressaltar que se trata de uma experiência piloto e a mobilização das escolas e comunidades representa um importante fator para a garantia de participação e compreensão de todos a respeito dos objetivos do projeto.

Na página ao lado, o grupo que participou da 1ª Oficina de Formação realizada com os professores das escolas selecionadas para o piloto. Abaixo e ao lado, imagens do processo que possibilitou a reflexão sobre os métodos de ensino.

HISTÓRICO

1) OFICINA DE FORMAÇÃO: EDUCAÇÃO DO CAMPO E TERRITORIALIDADE

O pontapé inicial do Projeto Territórios de Aprendizagem foi dado na 1ª Oficina de formação realizada em agosto de 2012 com os professores das escolas selecionadas para o piloto. O encontro foi uma grande vivência de reflexão e planejamento, no qual, os participantes foram convidados a construir com o PSA os rumos do projeto.

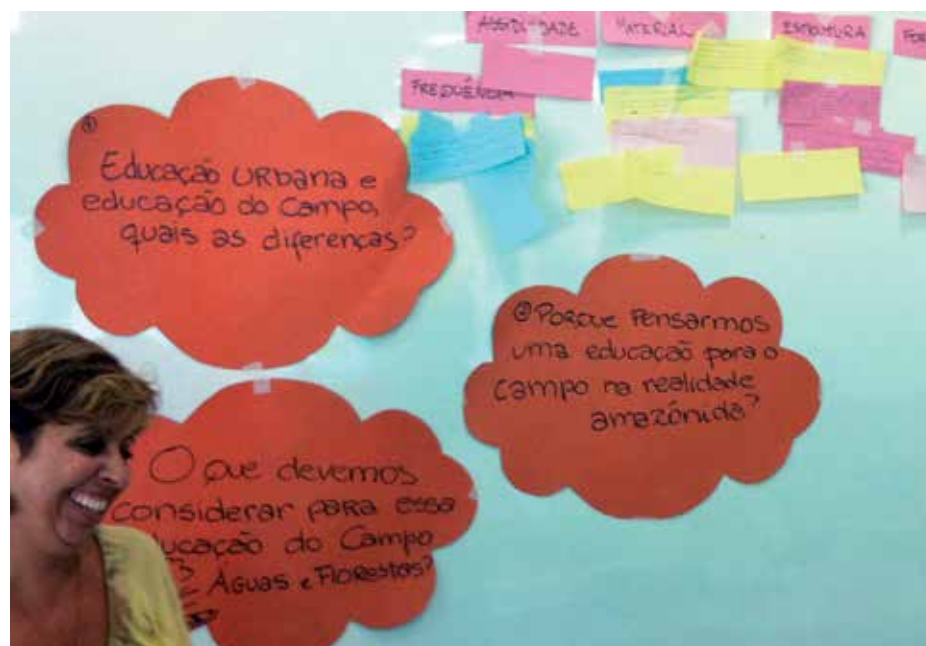
Na oficina, foram compartilhados diversos olhares sobre a atual situação da educação no campo e os conceitos de território. Os professores também tiveram um primeiro contato com a Educologia, que é uma concepção metodológica que será abordada mais adiante nesta publicação.

2) A GINCANA EDUCOLOGIA

Um segundo passo foi dado durante a **Gincana Educologia**, realizada em cada uma das escolas participantes, onde se desenhou um retrato socioambiental da escola e da comunidade, e se produziu um levantamento dos conhecimentos tradicionais. Como mostra de resultado desta Gincana foi elaborado o “Cardápio de Conhecimentos Amazônicos”.

A gincana educologia foi protagonizada pelos alunos e comunitários e mediada pelos professores, a partir do seguinte questionamento: O que a comunidade sabe que a escola não ensina?

Um resumo da metodologia está no capítulo 2 deste guia pedagógico.



Ao lado, o coordenador pedagógico do Projeto Saúde & Alegria, Magnólio de Oliveira, realiza dinâmica com os professores na 2ª Oficina. Em baixo, os professores trabalham no processo de construção de referências locais para o ensino.

3) CONTINUIDADE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A 2ª Oficina com os professores se constituiu como um laboratório pedagógico de produção de materiais regionalizados e reflexão a respeito das metodologias de ensino.

Após esta etapa, deu-se início à terceira trilha prevista para o projeto:

O saber comunitário dando sabor para a escola.

A partir de um diagnóstico realizado pela equipe do PSA, foram identificadas as disciplinas escolares que se alinham às abordagens temáticas de cultura, território e meio ambiente e os respectivos conteúdos que poderiam ser associados aos saberes locais.

Essa foi a base para a 2ª oficina de formação com os professores, que visou desenvolver propostas – na forma de planos de aula – de como inserir um saber local na estrutura já conhecida do conteúdo formal.

Em visita às escolas, a equipe do projeto convidou (antecipadamente) os professores a pensar sobre as problemáticas de sua prática cotidiana. Em seguida, os entraves rememorados serviriam de estímulo para a criação de possíveis soluções compartilhadas em roda de conversa.

Utilizando o “Cardápio de Conhecimentos Amazônicos”, a principal atividade deste encontro possibilitou que os educadores produzissem individual e coletivamente uma série de planos de ação pedagógica de acordo com o material que relacionava as disciplinas e conteúdos já conhecidos por eles aos saberes do território e conhecimentos tradicionais.

4) ELABORAÇÃO DO GUIA PEDAGÓGICO EXPERIMENTAL

Com base nas propostas elaboradas na 2ª oficina com os professores, a equipe do PSA, com apoio de consultores e colaboradores, trabalhou na sistematização deste Guia Pedagógico, compartilhando os passos adotados pelo projeto até o momento, e propondo atividades pedagógicas que buscam integrar saberes do currículo formal aos saberes comunitários. Em resumo: como o saber comunitário pode dar sabor à escola.





Ao lado o mapa elaborado pelo processo participativo na comunidade Suruacá, na Resex Tapajós/Arapiuns. Abaixo alunos da Escola João Franco Sarmento, na mesma comunidade.



PROPOSTA PEDAGÓGICA

O Projeto Territórios de Aprendizagem se insere no contexto das discussões sobre a educação no meio rural, ou a educação do campo, que na Amazônia, é também dos rios e florestas. Fazendo uma análise histórica sobre a situação do Brasil em relação à educação, constata-se a ausência do Estado em oferecer de forma adequada este direito ao meio rural. A história mostra que a implantação da escola no território rural foi tardia, e sem o apoio necessário do poder público. Neste sentido, o processo de estabelecimento dessas escolas foi prejudicado e ainda hoje este é um fator que favorece a permanência de determinadas fragilidades (MOLINA, M.C., MONTENEGRO, J. L. A. & OLIVEIRA, L. L.N. A, 2009).

Atualmente, a situação da educação no campo segue em defasagem em relação à cidade. Alguns indicadores reforçam o quão importante é a construção de novas práticas junto às comunidades rurais em direção a propostas e experiências que possam contribuir com a melhoria da qualidade da educação.

>> No Brasil, 8, 4 milhões de pessoas em idade escolar vivem no campo. Destes, 23% são analfabetos.

>> Nosso país ocupa a 74 º posição no ranking mundial do analfabetismo. Considerando apenas a área rural, o Brasil cai para 107 º.

>> A taxa de abandono escolar na zona rural é 70% maior que na zona urbana.

>> Apenas 4 % das escolas do campo oferecem ensino médio. Aproximadamente 90% não têm biblioteca e mais de 80% não tem laboratório de informática. Por fim, apenas 53% dos professores completaram sua formação no ensino superior.

Os dados acima foram retirados da animação "Contrastes da Educação no Brasil: Cidade x Campo", contida na matéria "Educação rural no Brasil" da revista Nova Escola. Disponível no link: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/video-contrastes-educacao-brasil-cidade-campo-rural-723472.shtml>

Em Santarém, a rede municipal de ensino, segundo dados da SEMED em 2010, possuía 452 escolas do ensino fundamental, das quais 66 atendiam 30.115 alunos na área urbana; e 386 na área rural, nas regiões de planalto e rios, atendiam 31.625 alunos.

O município de Santarém que possui 472 comunidades rurais teve avanços importantes nos últimos anos, principalmente, em relação ao acesso ao ensino fundamental nesta região. Nas localidades com maior concen-

tração populacional, funcionam as escolas pólos de ensino fundamental que já dispõe de uma estrutura mais organizada, com boa parte dos prédios escolares no padrão exigido pelo MEC, embora continuem existindo muitas escolas nos pequenos vilarejos (de 25 a 50 famílias), funcionando como escolas agregadas aos pólos, em geral com pouca infraestrutura, com professores lecionando no sistema multisseriado.

As escolas participantes deste projeto (sobretudo as quatro que estão localizadas na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns), possuem infraestrutura predial relativamente adequadas, mas ainda com pouco acesso a tecnologias e materiais de apoio. Estas instituições de ensino ainda enfrentam problemas com o transporte, por exemplo, que influencia desde o acesso dos profissionais até o fornecimento da merenda escolar. Quanto à formação dos professores, embora continue deficiente, a realidade tem melhorado com o ingresso de muitos nos cursos do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR.

O principal desafio continua sendo a melhoria da qualidade do ensino, que depende destes fatores mencionados e do desenvolvimento de experiências que favoreçam o fortalecimento da educação do campo no contexto amazônico.

As escolas da Resex Tapajós-Arapiuns são consideradas escolas do campo, sendo que algumas estão também classificadas como escolas indígenas. Apesar disso, o currículo e as formas de ensinar ainda se mantêm, na maioria dos casos, orientadas pela visão urbano-cêntrica do ensino, na qual o aluno é levado a aprender a partir de referenciais distantes de sua realidade socioambiental e cultural.

O direito à educação contextualizada e de qualidade está previsto nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, da seguinte forma:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (RESOLUÇÃO CNB/CEB, 2002)

Diante disso, o objetivo do Projeto “Territórios de Aprendizagem” é contribuir para a construção de uma aprendizagem própria, na qual os conhecimentos locais são valorizados e equiparados em importância aos conhecimentos do currículo escolar, em uma relação associativa e não competitiva. Essa prática nos aproxima do conceito de Aprendizagem Significativa que, segundo Moreira, caracteriza-se pela:



interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Nesse processo, que é não literal e não arbitrário, o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais diferenciado, mais elaborado em termos de significados, e adquire mais estabilidade. (MOREIRA e MASINI, 1982, 2006; MOREIRA, 1999, 2000, 2006; MASINI e MOREIRA, 2008; VALADARES e MOREIRA, 2009 apud MOREIRA, M. A., 2000, p.05).

Isso significa que os novos conhecimentos relacionam-se com os conhecimentos prévios que cada sujeito possui. Desta forma, o estudante não é um ser vazio, ao contrário disso, é um educando que constrói sua aprendizagem e desenvolve seus valores culturais e capacidades cognitivas, a partir da bagagem que já possui dentro de si e no lugar onde vive.

Somam-se aqui as ideias e o método construtivista (inspirado nos estudos de Jean Piaget), em que o professor valoriza os saberes de seus alunos e se propõe a construir junto com ele novos conhecimentos. Além disso, o construtivismo defende que o aluno – por meio de experimentações, da pesquisa em grupo e o incentivo à dúvida e ao raciocínio – vai construindo o mundo das coisas e pessoas. Outro ponto importante é a compreensão de que o erro pode ser encarado como um meio para a aprendizagem e não como um obstáculo a ela. Um material didático não estranho ao meio em que os alunos vivem, representa um importante aliado neste percurso.

Tendo como referência o movimento de construção do conhecimento em parceria com o aluno, nos deparamos com a necessidade de reflexão acerca de alguns conceitos fundamentais para o desenvolvimento das práticas que se propõe efetivar junto às comunidades. Isso porque o projeto busca estimular a valorização da cultura local por meio do levantamento e produção de materiais com base nos saberes tradicionais, pois devemos, sobretudo, ter o cuidado de como estes conceitos irão ser abordados nestas localidades. Por exemplo, quando tratamos de cultura, é indispensável pensar em algo dinâmico, aberto e não “parado no tempo”, como é possível acontecer quando utilizamos a palavra “tradicional”. Reconhecemos aqui a noção de cultura, que:

inclui todas as realizações da vida em sociedade, desde aquelas de valor reconhecido pelas elites de um país, até aquelas das chamadas culturas tradicionais e populares, menos visíveis nos cenários nacionais (GALLOIS, 2006, p.18).

A transformação faz parte do processo da própria cultura (GALLOIS, 2006), assim como a inovação. Nesse sentido:

O saber tradicional, descrito na Convenção da Diversidade Biológica (CDB) como incluindo conhecimentos, práticas e inovações, não é simples repositório de conhecimentos do passado. É um modo de produzir inovações e transmitir conhecimentos por meio de práticas específicas. “o que é tradicional no saber tradicional não é sua antiguidade, mas a maneira como ele é adquirido e usado”, diz a CDB (CARNEIRO DA CUNHA, 2001).

O saber tradicional, ou saber local, também “é o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” (DIEGUES; ARRUDA, 2001). Referimos-nos ao saber local, pois este tipo de conhecimento é muito mais do que apenas informações, são formas de aprendizado, de pesquisa e de experimentações. Assim, Manuela Carneiro, antropóloga que estuda e trabalha com populações tradicionais, afirma que se conseguirmos compreender o conhecimento tradicional como uma forma particular de ciência, e aqui não entendemos isso como os “conteúdos ancestrais específicos”, a palavra tradicional se torna igual a local (Idem, 2001).

A partir dessas reflexões, pode-se pensar que a identidade de cada grupo na RESEX Tapajós-Arapiuns está em constante transformação, assim como as maneiras como cada idoso (a), por exemplo, conta uma história, é parte da cultura local e cada jeito de contar se torna a riqueza desta cultura, deste saber. E assim, a identidade local vai sendo formada e também transformada de acordo com os novos acontecimentos e saberes que os comunitários vão adquirindo e transmitindo às crianças.

De maneira geral, não podemos deixar de elucidar um conceito importante ao Projeto Saúde e Alegria, presente em todas as ações desenvolvidas pelo Projeto: o de Educação Ambiental.

Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9795/1999, Art 1º:

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

E ainda, como orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação, Art 2º:

A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.

É importante reiterar que os conhecimentos locais das comunidades amazônicas e todo seu arcabouço de práticas e saberes, também envolvem a cosmologia do grupo, sendo esta compreendida como a maneira pela qual se explicam os aspectos da vida (humana e também dos encantados) e todas as concepções de como respeitar, manejar e não transgredir regras de uso e convívio nos ambientes da floresta e também nos espaços domésticos. Desta forma, valorizar e reconhecer os modos de se relacionar com o meio ambiente e seus recursos, é de suma importância para os habitantes dessas localidades, estar mais próximo a um convívio saudável e sustentável com o mundo, para poder viver cotidianamente o que preconiza a educação ambiental.

Ao estimular a valorização dos saberes locais que estão associados aos territórios onde estamos inseridos, em parceria constante com seus diversos atores, acreditamos ser possível conquistar um futuro melhor.



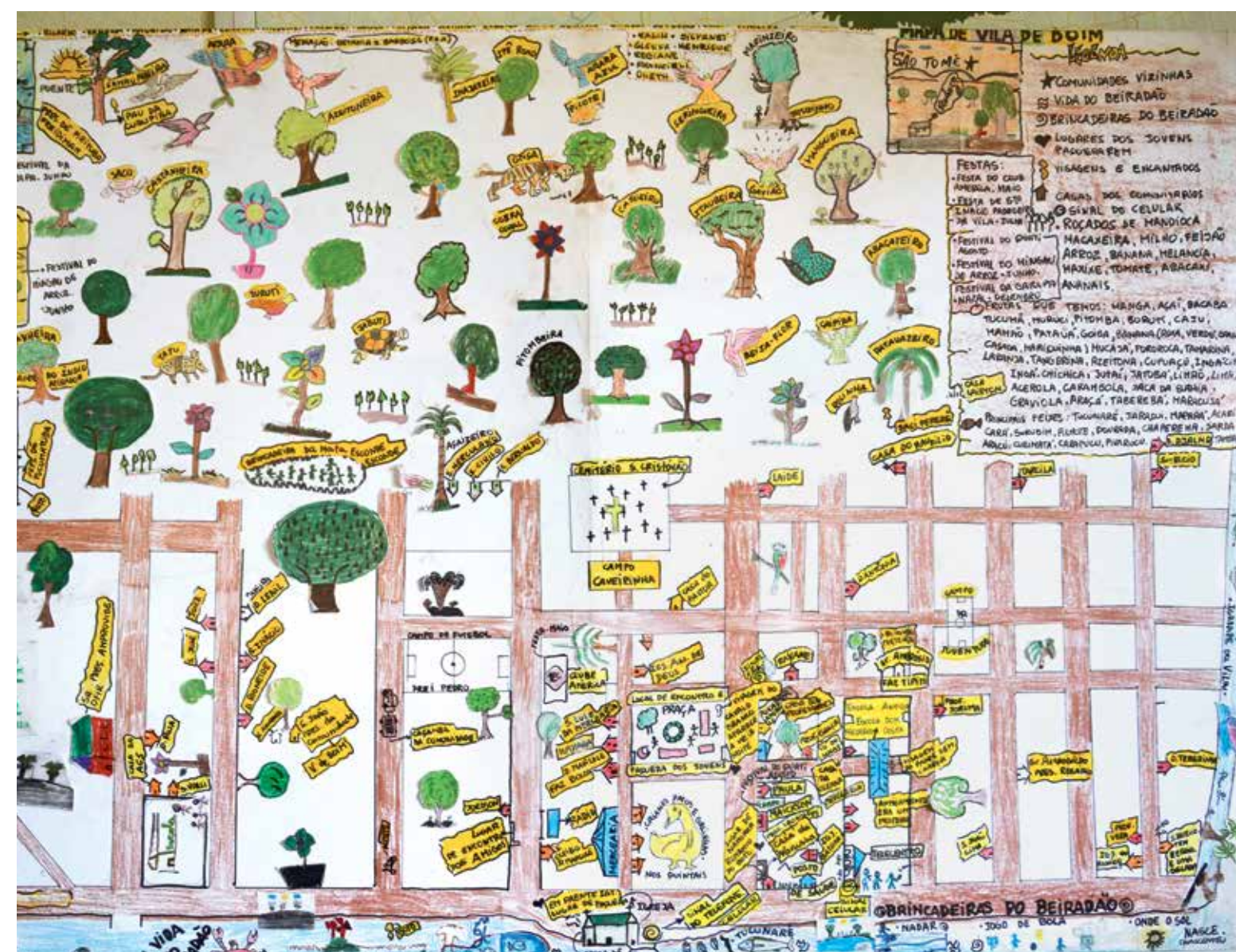
Ao lado, acima, mestre artesão, ensinando a crianças da comunidade de Anã a fazer o tipiti, instrumento utilizado para espremer a mandioca. Abaixo, os professores de música da escola Irmã Dorothy, da comunidade do Caranazal ensinam ritmos regionais como o carimbó.



Ao lado, crianças da Escola Nossa Senhora de Fátima, da comunidade do Anã, na Resex Tapajós Arapiuns, com os diversos artesanatos produzidos na região. Em baixo o mapa participativo da comunidade de São Pedro, feito com a colaboração da população do local.



Ao lado, alunas da Escola St. Inácio de Loyola, da comunidade de Boim apresentam a dança do carimbó. Em baixo, o mapa feito pelo processo participativo, com a colaboração da população do local na mesma comunidade.





METODOLOGIA

De origem grega, a palavra metodologia advém de *metodos*, que significa META (objetivo, finalidade) e *hodos* (caminho, intermediação). Por sua vez, LOGIA indica conhecimento, estudo. Sendo assim, metodologia seria o estudo dos métodos, dos caminhos a percorrer, tendo em vista o alcance de uma meta ou finalidade.

Metodologia de ensino poderia ser compreendida, então, como o estudo das diferentes trajetórias planejadas e vivenciadas pelos educadores para orientar o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista certos objetivos educativos.

Adiante, estão descritos os principais elementos constitutivos da concepção adotada pelo PSA: uma pedagogia do lúdico, da valorização de saberes diversos e do trabalho coletivo.

• COMUNIDADES E TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM

Entendendo território como um espaço marcado pelas relações humanas, pela cultura, pela economia e pelos grupos sociais existentes, é possível visualizar que os espaços de aprender não estão apenas no interior da escola. O entorno social e a comunidade são também territórios de aprendizagem, onde a diversidade e a riqueza de saberes do povo podem e devem ser pesquisadas e valorizadas.

• A TRILHA PEDAGÓGICA

A ideia de trilhas pedagógicas parte de uma analogia às trilhas da floresta como um caminho dinâmico, percorrido e explorado a cada passo, onde se avança descobrindo e identificando novas direções. Essa concepção se contrapõe ao pensamento de trilha estática, de trilho de trem, o qual vai numa única direção, pré-definida.

A sabedoria popular nos ensina que para se chegar a um determinado lugar na mata, a melhor forma é experimentar vários caminhos, e não simplesmente seguir uma única direção, pois desta forma, ao se chegar ao objetivo, teremos um conhecimento muito melhor do território, é como se pudéssemos ter uma visão geral de tudo e não apenas uma visão limitada.

Assim, as trilhas pedagógicas representam um caminho dinâmico que poderá ser percorrido e desbravado pelos professores, alunos e comunitários. Este guia, portanto, é um estímulo a partir do qual podemos descobrir novos caminhos para a melhoria de nossas práticas.

Ao lado, no alto, garoto e o mapa criado pelo processo participativo na comunidade Anã. Em baixo o mapa da região conhecida como Eixo Forte e do entorno de São Pedro.



Abaixo, as crianças exibem o resultado das atividades de educomunicação na escola Irmã Dorothi, na comunidade de Caranazal.

Na página ao lado, em cima, jovens colocam em prática as metodologias de educomunicação. Em baixo, ambiente circense criado para desenvolver as atividades do projeto na escola Irmã Dorothi.

• GINCANA EDUCOLOGIA

Elaborada pelo coordenador pedagógico do Projeto Saúde & Alegria, Magnólio de Oliveira, a educologia surgiu inicialmente como uma proposta de educação ambiental. É uma junção do princípio educativo com ecologia, o estudo dos seres vivos e suas relações.

A educologia propõe atividades de construção coletiva, em que os sujeitos podem expor seus conhecimentos prévios sobre determinado tema, analisar coletivamente a partir de referências teóricas ou da vida cotidiana, e assim produzir um novo conhecimento.

Para isso, aposta nas inteligências múltiplas, a partir do referencial produzido por Howard Gardner (1985), que é uma alternativa para o conceito de inteligência como uma capacidade geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação. Para Gardner os sujeitos possuem múltiplas formas de inteligências, como a linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal.

Como principal metodologia, utiliza-se da gincana, ferramenta didática que permite a interação entre os participantes, cada um colaborando com suas inteligências e diferentes formas de se expressar (teatro, dança, paródia, música, pintura, textos, fotos, vídeos e etc), em grupo, e de forma horizontal. É um instrumento lúdico de produção de novos olhares sobre a realidade, estimulando o gosto pelo saber.



• EDUCOMUNICAÇÃO

Nas atividades do projeto também são experimentadas metodologias de educomunicação, que unem o campo da educação libertadora e da comunicação participativa para desenvolver a capacidade de reflexão e ação dos atores envolvidos, a partir da gestão dos meios de comunicação, como já acontece com a Rede Mocaronga, outro projeto do Saúde & Alegria. As atividades educacionais contribuem para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias aos tempos atuais, como por exemplo, a capacidade de leitura crítica da realidade, habilidades de comunicação e expressão pessoal oral, escrita e visual e trabalho em equipe. No Projeto Territórios de Aprendizagem, principalmente, nas Gincanas da Educologia, os alunos foram motivados a percorrerem a comunidade mapeando e documentando os conhecimentos locais em materiais radiofônicos, fotografias, vídeos, desenhos, textos, entre outros, que ajudaram a montar o "Cardápio de Conhecimentos Amazônicos".

• ARTE-EDUCAÇÃO

O Saúde & Alegria tem em sua própria identidade o uso da arte e do lúdico como metodologias educativas. E neste projeto isso foi fundamental para despertar a alegria de aprender. Inspiradas nas abordagens do Circo Mocaronga, um circo educativo mambembe, as atividades do projeto utilizam brincadeiras, dinâmicas de grupo e jogos de cooperação, que resultam na construção de materiais pedagógicos como esquetes, músicas, poesias e apresentações teatrais representativas do processo de aprendizagem e da difusão dos conteúdos educativos, produzidos com a própria linguagem comunitária. Tanto nas oficinas de formação de professores, quanto na realização das gincanas da educologia estimula-se a experimentação das linguagens artísticas.



GUIA DE APOIO PEDAGÓGICO

Este é um guia elaborado para contribuir com os processos pedagógicos desenvolvidos nas escolas em que o Projeto Territórios de Aprendizagem atua. Reunimos aqui um conjunto de saberes levantado num trabalho compartilhado entre você, professor (a), e seus alunos. Estes, além de listados, estão inseridos em diferentes sugestões de atividades prontas para serem experimentadas, testadas, modificadas e avaliadas por aqueles que vivenciam o cotidiano da sala de aula.

A equipe do Projeto organizou o material no formato de Trilhas Pedagógicas. A expectativa é de que as mesmas possam ser mais uma referência para o trabalho de cada professor – com características, leituras e abordagens particulares.

São basicamente quatro propostas de trilhas, que contêm: i) a metodologia proposta para mapear os conhecimentos locais (experimentadas através da Gincana Educologia), ii) sugestões sobre como criar um ambiental propício para unir esses conhecimentos locais ao ensino do currículo formal. Neste caso, o mapeamento realizado com a Educologia é sistematizado na forma de temas geradores para cada tema da área de conhecimento tradicional. Estes são transformados em Paradas Pedagógicas com sugestões de atividades práticas. Usamos o termo “paradas pedagógicas” para simbolizar como se estivemos passeando com nossos alunos na floresta ou na comunidade e, ao observar algo que nos chamou a atenção, possamos parar, analisar, aprender juntos e continuar caminhando pelas trilhas.

O grande intuito dessas atividades é encorajar e alimentar a criatividade do professor no desafio de trazer para a sala de aula os saberes da comunidade.

Passeando por essas paradas pedagógicas será possível encontrar propostas de como trabalhar determinado tema gerador numa seqüência didática que possibilita o aprofundamento dos estudos a respeito destes temas.

A ideia de tema gerador foi elaborada por Paulo Freire na década de 50, sendo um tema que:

pressupõe um estudo da realidade da qual emergirá uma rede de relações entre situações significativas – significativas numa dimensão individual, social e histórica – e uma rede de relações que orientarão a discussão da interpretação e representação dessa realidade. Pressupõe uma visão de totalidade e abrangência dessa realidade e a ruptura do conhecimento no nível do senso comum. Pressupõe uma metodologia dialógica: metodologia de trabalho que tenha o diálogo como sua essência que exige do educador uma postura crítica, de problematização constante, de distanciamento, de estar na ação e de se observar e se criticar nessa ação, trabalho que aponte na direção da participação, na discussão do coletivo. (CADERNOS DE FORMAÇÃO)

A reflexão sobre o tema gerador possibilita à comunidade o reconhecimento da maneira como ela compreende sua realidade. A partir desse reconhecimento, a mesma passa a ter maiores e melhores condições de intervenção para transformar o que é necessário.

Assim, esperamos que este Guia de Apoio Pedagógico possa ser um aliado no dia-a-dia de professores e alunos, proporcionando uma aprendizagem mais significativa (dada a relação íntima entre os saberes locais e a vida dos alunos), prazerosa e transformadora – como a educação pode e deve ser!

TRILHAS PEDAGÓGICAS

TRILHA 01: GINCANA EDUCOLOGIA

TEMA: O QUE A COMUNIDADE SABE QUE A ESCOLA NÃO ENSINA?

As escolas que participam da experiência piloto deste projeto já experimentaram esta etapa em que utilizamos uma metodologia para pesquisar, mapear e sistematizar os conhecimentos locais, visando sua apropriação em atividades didáticas na próxima trilha. A Gincana Educologia foi utilizada para que todos os membros da comunidade escolar e membros da comunidade em geral participassem desse processo. Como já dissemos, a Educologia surgiu como uma atividade de educação ambiental, que foi resignificada no contexto deste projeto. É um instrumento lúdico de produção de novos olhares sobre a realidade, estimulando o gosto pelo saber.

Na expectativa de que outras escolas ou instituições possam desejar experimentar a valorização dos saberes locais no interior das mesmas, disponibilizamos abaixo a descrição da dinâmica utilizada.

A principal meta da gincana é a aproximação entre escola e comunidade, a fim de possibilitar avanços na compreensão da importância de valorizar a própria cultura. A pergunta chave “O que a comunidade sabe que a escola não ensina?” é o que estimula todos a esta compreensão.

O grande desafio está no esforço coletivo para a identificação e mapeamento dos aspectos culturais, ambientais e territoriais da comunidade na qual a escola se encontra, estabelecendo um diálogo possível entre os conteúdos escolares e os até então não escolares. Nesta alegre e divertida construção coletiva de conhecimento, todos saem vitoriosos, todos aprendem. É importante lembrar que as equipes podem e devem ajudar-se, fortalecendo o objetivo cooperativo da atividade sempre que possível. O auge da atividade deve ser a apresentação na mostra cultural e para isso todos devem estar permanentemente estimulados a cumprir as tarefas com empenho e criatividade.

• ETAPA 1

Uma atividade de aquecimento é proposta. Pode ser uma dinâmica que integre todos. Em seguida os alunos da escola devem ser divididos em equipes acompanhadas por um professor. As regras são compartilhadas. Um representante da equipe recebe as fichas para realização de uma tarefa prévia que pode ser realizada por cada professor e sua turma ou pela escola como um todo, em equipes misturadas entre as séries. O cumprimento da tarefa é a condição para a participação da equipe na gincana. Assim, todos começam o jogo com 10 pontos.



A atividade prévia proposta no projeto piloto foi a seguinte: as equipes estabelecidas (entre diferentes séries) deveriam listar os aspectos mais expressivos da comunidade e sua cultura, reunindo o maior número de itens para cada um dos temas a seguir:

- 1- CONHECIMENTOS TRADICIONAIS:** causos, histórias e sabedorias;
- 2- CULINÁRIA LOCAL;**
- 3- ENCANTADOS:** Mitos e Lendas;
- 4- ARTESANATO LOCAL:** cestas, bordados, utensílios domésticos e de trabalho;
- 5- MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS LOCAIS;**
- 6- EXTRATIVISMOS:** coleta, caça, pesca e plantio;
- 7- NATUREZA DE ENTORNO:** Fauna e Flora;
- 8- COTIDIANO:** Atividades do dia-a-dia comunitário de crianças, adultos e idosos de ambos os gêneros.

• ETAPA 2

É a gincana propriamente dita. Um animador convoca as equipes para apresentarem o que listaram na tarefa prévia de acordo com os temas sugeridos. Um equipe de jurados deve ser organizada, para a qual os registros são entregues, momento no qual se contabiliza 10 pontos pela tarefa cumprida.

O grupo que apresenta na tarjeta um componente que nenhum outro relacionou, ganha 05 pontos pelo ineditismo. As repetições valem apenas 01 ponto. Durante a realização da atividade, tarefas relâmpago são lançadas, no formato de charadas relacionadas à tarefa prévia. Por exemplo, qual o artesanato utilitário tecido de tala que serve para espremer a mandioca? Resposta: tipiti. A equipe que acerta a resposta primeiro ganha 05 pontos. O tempo para responder à pergunta deve ser estabelecido e respeitado, caso contrário 01 ponto é descontado.

• ETAPA 3

A gincana continua, porém agora o momento é dedicado a pesquisas mais aprofundadas a respeito da comunidade. As equipes são motivadas a saírem na comunidade em busca de elementos mais expressivos daquilo que foi inicialmente levantado na tarefa prévia. Deve-se dedicar o maior tempo para esta atividade, pois é a hora que os alunos saem da escola e percorrem a comunidade. Cada equipe deve escolher um dos temas trabalhados na gincana (como os do quadro anterior) e sair para pesquisa ou elaboração, e apresentá-los através de múltiplas linguagens da Educologia: teatro, jornal, rádio, vídeo,

pintura/desenho, escultura, música, fotografia, mapas. Devem ser escolhidos monitores para orientar cada equipe com sua linguagem. Neste ponto, o objetivo é formar um grande acervo dos elementos culturais, territoriais e ambientais levantados a partir dos materiais produzidos pelos próprios alunos. Este acervo será socializado em uma Mostra Cultural Educativa, em que a comunidade deve ser convidada a participar. Quanto à pontuação das produções elaboradas, são critérios: capacidade de sistematização, clareza, organização, criatividade, originalidade, riqueza de detalhes, linguagem oral e escrita, animação e trabalho em grupo. Cada critério bem avaliado soma 10 pontos à equipe. A equipe vencedora da gincana é anunciada, com a preocupação de mostrar que na verdade, todos ganharam porque aprenderam juntos.

TRILHA 02: SISTEMATIZAÇÃO

ELABORANDO O CARDÁPIO DE CONHECIMENTOS AMAZÔNICOS

O resultado da Educologia experimentada nas escolas, proporcionou um registro dos conteúdos mapeados em forma de cardápio, um Cardápio de Conhecimentos Amazônicos.

A riqueza de informações levantadas durante a gincana não pode se perder após a atividade. É tarefa fundamental que as produções elaboradas pela escola sejam sistematizadas. Isso é que vai ajudar na próxima trilha.

A seguir, disponibilizamos uma síntese, um pequeno registro dos saberes locais sistematizados por temas geradores/ paradas pedagógicas, gerados a partir desta sistematização. Uma versão completa pode ser encontrada no Projeto Saúde e Alegria. Esperamos que o mesmo inspire os docentes sobre como organizar os saberes antes de se tornarem planos de aulas, tanto às escolas já participantes deste projeto, quanto às novas escolas que poderão vir a participar. Toda escola pode ter o seu cardápio da comunidade que está à sua volta!

A partir dos saberes, os professores podem construir fichas com esquemas de abordagem para cada uma das disciplinas.



PARADA PEDAGÓGICA: NOSSAS HISTÓRIAS

COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Suruacá	• Muiraquitã; • Cobra; • História da melancia; • Mãe D'água; • História dos dois irmãos que se perderam no caminho da escola; • Cumauarú (ou cunuarú).
Vila Boim	• O caçador e seus dois cachorros; • Pescaria do Seu João; • O estorço; • Maracajá Solvido; • Noites de Mistério – boto; • O Homem, seu filho e o burro; • A pedra na frente de Samaúma (O encanto das pedras). • Encanto: a sereia; • Lenda da sereia do Pau da Letra; • Mito do Patauí – bicho “encantado”; • Mito do boto.
Êixo Forte	• Sabedoria para achar o caminho de volta para casa; • Curupira.
Anã	• Mulheres menstruadas – boto e lagartas; • História de pescador; • Moanã- encantado da água.
São Pedro	• O Homem que andou sobre a água; • O Cachorro e o tatu; • Pedra encantada; • Mito do curupira; • Mãe D' água; • Mula sem cabeça; • O Boto; • Visagem.

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSOS MESTRES (parteiras, pescadores, artesãos, benzedeiras, curandeiros)	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Todas as comunidades	• Paneiro; • Abano; • Tipiti; • Pote; • Chapéu; • Remo; • Malhadeira; • Remédios caseiros; • Plantas medicinais.



PARADA PEDAGÓGICA: NOSSA ALIMENTAÇÃO	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Todas as comunidades	• Beijú; • Macaxeira; • Farinha; • Cupuaçu; • Açai; • Peixe; • Caças; • Bolo de macaxeira; • Vinho de abacaba; • Muqueca de tucunaré; • Manicuera; • Tarubá; • Chocolate de castanha de caju; • Pé de moleque; • Doce de caju; • Tiborna; • Galinha Caipira; • Tacacá; • Caxará; • Paçoca; • Chá de capim santo e erva-cidreira.



PARADA PEDAGÓGICA: NOSSA ARTE (artesanato e expressões culturais como festas, músicas, poesia, danças)	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Suruacá	• Retrato de Suruacá.
Vila Boim	• Paneiro; • Cesta de palha de tucumanzinho; • Abano; • Colher de pau; • Cesta; • A jibóia; • Quadrilha onda jovem; • Festival do quati; • A dança do boi.
Eixo Forte	• Carimbó caipira; • Abajur de buriti; • Festa do açáí.
Anã	• Povo Amazônida; • A dança do Guará.
São Pedro	• Paródia: artesanato de São Pedro; • Bordados em tapetes; • O castelo São Pedro; • Dança dos Nativos – indígenas.

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSO TERRITÓRIO (mapas da região amazônica, do Pará, de Santarém, da RESEX e das comunidades)	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Todas as comunidades	• Mapa da comunidade.



PARADA PEDAGÓGICA: NOSSAS PLANTAS, A FLORESTA, NOSSOS ANIMAIS, ANIMAIS DA FLORESTA	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Suruacá	• Caça: tatu, veado, caititu, porco queixada, cutia e onça pintada. • Pássaros: papagaio, tucano, jacu, galega, gavião. • Não estão mais presentes: macaco prego, macaquinho sauí, gosó.
Vila Boim	• Castanheira; • Seringueira; • Samaumeira; • Cacaueiro; • Arara; • Peixe boi; • Pirarucu; • Tambaqui; • Veados.
Eixo Forte	• Castanheira; • Coqueiro.
Anã	• Mamão; • Pesca; • Mandioca.
São Pedro	• Açaizeiro.

PARADA PEDAGÓGICA: ORGANIZAÇÃO SOCIAL	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Todas as comunidades	• Organização a partir da idade; • Divisão sexual do trabalho; • Formas de organização comunitária: associações, conselhos, entidades de classe.



PARADA PEDAGÓGICA: EXTRATIVISMO E ATIVIDADES PRODUTIVAS (como manejamos os ambientes)	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Suruacá	• Mandioca; • Acerola; • Pesca da piaba.
Vila Boim	• Mandioca; • Coleta de meri, andiroba, caju, macaxeira, mandioca cará e batata; • Caça de tatu, queixada, anta, jabuti e macaco; • Coleta de látex.
Eixo Forte	• Mandioca; • Extração de tala e palha para cestaria.
Anã	• Óleo de bacaba.
São Pedro	• Coleta de cipó ambé, arumã e palha de tucumã.

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSAS BRINCADEIRAS	
COMUNIDADES	ITENS MAPEADOS E DOCUMENTADOS
Todas as comunidades	• Boli boli; • Pião; • Peteca; • Pula corda; • Macaca; • Roda.



TRILHA 3: EXPERIMENTAR A APROPRIAÇÃO DOS SABERES LOCAIS AO ENSINO DO CURRÍCULO FORMAL

TEMA: O SABER COMUNITÁRIO DANDO SABOR À ESCOLA

Com base no Cardápio de Conhecimentos Amazônicos, e através de uma 2ª Oficina de Formação de Professores, foram produzidas várias propostas de atividades para unir o saber local ao conteúdo do currículo formal.

No capítulo ATIVIDADES, estão descritas algumas propostas, na forma de sequência didáticas. Elas são apenas exemplos, que podem ser avaliadas, melhoradas ou totalmente refeitas, afinal, estamos percorrendo uma trilha, e somente a experiência poderá nos orientar sobre os melhores caminhos a percorrer.

Mas antes disso, para dar início ao trabalho de inserção do saber local no cotidiano escolar (percurso nas trilhas pedagógicas), consideramos interessante:

1) Organizar um encontro temático para definir os temas geradores que mais adiante vão compor as trilhas pedagógicas;

2) Pensar um espaço simpático de aproximação entre professor e aluno, promovendo integração, fortalecimento dos elos de afeto e um ambiente acolhedor e estimulante. Para tal, cada aluno precisa ser recebido com atenção, reconhecimento de sua identidade. Este é o momento de garantir as condições necessárias à realização do trabalho (no que diz respeito às relações e também aos materiais e espaços)

3) Início do percurso das trilhas pedagógicas: roda de conversa.

Na roda, o professor estimula o interesse pelo tema regional, ressaltando sua importância prática para os alunos. É importante que todos tenham voz e suas falas sejam valorizadas e alimentadas pelo mediador por meio de problematizações.

4) Contextualizar o tema gerador no currículo escolar (relacionando com as disciplinas e os conteúdos já conhecidos). Neste ponto, o saber regional é transformado em saber escolar.

É hora de proporcionar aos alunos atividades dinâmicas e carregadas de sentido, tais como: passeios, debates, pesquisas, gincanas, leitura de textos e imagens, histórias contadas, entre outros. O objetivo é desbravar o conteúdo curricular em sintonia ao tema gerador considerando a opinião e os interesses do aluno. Ao final do período proposto para estudo é fundamental desafiar o grupo para que sistematize o conhecimento adquirido (produções textuais, jornal, mural, jogos educativos, desenho, pintura, paródias, rádio escolar, blogs, etc.).



5) Para socializar as produções dos alunos (momento fundamental de valorização do processo individual e coletivo dos sujeitos) pode-se promover uma grande festa dos saberes. O ideal é que a mesma seja organizada coletivamente, respeitando as expectativas dos participantes.

Além de sistematizar e celebrar os avanços do grupo de alunos, a festa deve promover a integração entre escola e comunidade — elementos de uma mesma unidade.

TRILHA 4: AVALIAÇÃO

DOS ALUNOS:

A participação e o desenvolvimento dos alunos nas paradas pedagógicas poderão ser avaliados de diversas formas, tais como:

- A partir da observação do envolvimento individual de cada sujeito;
- Por meio de registros feitos pelo professor contendo as principais questões levantadas pelos alunos durante as atividades;
- Analisar a motivação em participar e realizar o que é proposto em sala de aula;
- Realizar uma atividade final para avaliação coletiva da sequência didática, onde cada um compartilhe suas opiniões sobre o período (como se sentiram, do que gostaram ou não, o que estudariam mais, sugestões, etc.);
- Produzir uma mostra depois de cada parada pedagógica, com o objetivo de reunir e relembrar os principais aprendizados daquela parada. Podem ser utilizados cartazes, apresentações teatrais, música ou textos (deixando que cada aluno ou grupo escolha a forma de se manifestar);
- Notar a capacidade do aluno em relacionar os estudos escolares à vida cotidiana (através de relatos, perguntas ou comentários no decorrer do processo);
- Dialogar e problematizar as posturas do grupo de alunos a cada atividade;
- Avaliar segundo o ponto de partida e as potencialidades de cada aluno, e não de metas gerais;
- Ampliar os quesitos de avaliação para além de notas ou conceitos pré-estabelecidos (valorizar o desenvolvimento emocional, da linguagem, do senso de responsabilidade, a organização, os avanços no trabalho coletivo, o reconhecimento e o empenho em superar as próprias dificuldades, a solidariedade para com os colegas, etc.).

Professor (a):

Lembre-se de fazer o máximo de anotações que puder durante toda a caminhada nas trilhas pedagógicas. Mantendo um registro regular do percurso de cada aluno, a avaliação torna-se muito mais fácil e rica!

DO MATERIAL:

A avaliação deste Guia de Apoio Pedagógico é parte fundamental de sua própria construção. Somente com o parecer dos que estão protagonizando um processo educativo junto aos diversos grupos de alunos das também diversas comunidades, este material poderá ser aperfeiçoado para melhor aproveitamento de todos. Portanto, é indispensável que cada profissional sinta-se à vontade para registrar o que sentiu, pensou e descobriu ao vivenciar as propostas contidas aqui!

Sugerimos para avaliação do Guia Pedagógico:

- Anotar nos espaços disponibilizados as principais dificuldades que se apresentaram, bem como outras ideias utilizadas para melhor realizar as atividades sugeridas a cada passo da parada ou sequência. É importante que também estejam registradas as possíveis complicações na compreensão das atividades propostas – tanto no que diz respeito à escrita, como no que diz respeito à coerência em relação à realidade local e aos saberes tradicionais;

- Convidar pais, lideranças e demais referências da comunidade a contribuir nas paradas. Os mesmos poderão trazer contribuições valiosas na avaliação das atividades e um olhar diferente sobre a participação de seus filhos, netos, sobrinhos, vizinhos. Para tal, pode-se questionar:

- > O que pensam sobre a forma como nossos conhecimentos foram estudados?
- > Consideram boa ou ruim?
- > Os alunos comentam em casa a respeito do que fazem na escola?
- > As crianças demonstram maior interesse em conversar e aprender com os mais velhos?
- > O que mudou?
- > O que gostariam de sugerir para que o trabalho avance?

- Organizar um evento ou encontro com a comunidade junto aos alunos a cada bimestre para avaliar a escola e elencar propostas;

- Trocar suas impressões com os demais professores.



Acima e ao lado, alunos e professora da Escola Irmã Dorothi, na comunidade do Caranazal. Abaixo atividade com as crianças da comunidade de Boim, ao fundo, desenhos feitos pelos alunos.



ATIVIDADES



Estão listadas abaixo algumas possibilidades de atividades para cada ano/série, considerando a proposta curricular para o período e promovendo a valorização da cultura local.

São apenas alguns exemplos, pistas experimentais para você percorrer as trilhas dos conhecimentos da comunidade e relacioná-los ao currículo escolar.

Lembre-se que você é parte fundamental desta história: registre sempre que puder o seu parecer a respeito da proposta que desenvolveu e as ideias que surgiram no decorrer da experiência. Com a sua colaboração este material fica muito melhor!

ANO/SÉRIE: 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alguns objetivos para o 1º ano do Ensino Fundamental:

- Identificar semelhanças e diferenças entre a linguagem oral e escrita;
- Reconhecer, produzir e interpretar textos de diferentes gêneros;
- Compreender a ideia de número e sua função nas atividades do cotidiano;
- Localizar-se no espaço;
- Conhecer a paisagem local, os elementos que a compõe e as práticas necessárias para sua preservação;
- Desenvolver noções a respeito da saúde/funcionamento do corpo humano;
- Ampliar o conhecimento das estruturas familiares, da construção da identidade e localização no tempo;
- Aprofundar a relação entre o espaço do corpo e o espaço à volta;
- Diferenciar paisagem natural e humanizada numa perspectiva crítica;
- Explorar as possibilidades e expressões corporais com autonomia;
- Desenvolver a observação, leitura e produção de imagens

Alguns objetivos para o 2º ano do Ensino Fundamental:

- Conhecer a função social da leitura e da escrita;
- Interpretar, elaborar hipóteses e solucionar situações-problema;
- Utilizar o sistema monetário no cotidiano;
- Reconhecer e valorizar os elementos da cultura local e do ambiente;
- Compreender as características dos seres vivos;
- Identificar diferenças e semelhanças sociais, econômicas e culturais entre as pessoas com as quais convive;
- Perceber as transformações do espaço e seus agentes;
- Utilizar habilidades motoras com autonomia, cooperação e respeito às potencialidades e individualidades dos sujeitos;
- Identificar as diversas expressões da cultura popular.

Tema: O pão encantado

Introdução às demais atividades:

Antes do início das demais atividades, lançar perguntas sobre o objeto.

>> Convidar um comunitário para confeccionar o paneiro em sala e expor como esse objeto é importante para a vida na comunidade.

>> Cantar a música do pão com as crianças:

(Cancioneiro popular)

*As talas que viu a ufa,
Nas matas sem serventia
Mais agora de mãos dadas
Todas tem força e valia.*

*Mas quero guardar comigo
Pra sempre no coração
A lição que o panheiro ensina
Como é bela a união.*

A partir da escuta, leitura e interpretação da música “Paneiro”, pode-se organizar atividades em que:

- Trabalha-se a palavra “paneiro” - Circular as vogais, liga-lo aos objetos que podem ser transportados por ele, listar outras palavras do cotidiano começadas com a letra P.
- Trabalha-se o desenvolvimento da leitura e da escrita - Escrever as palavras desconhecidas que surgiram no decorrer da música e pesquisá-las no dicionário;
- Escrever uma frase relatando o que aprendeu até o momento sobre o paneiro.

- Trabalha-se a noção de quantidade e agrupamento – Ligar ao panheiro (que carrega em seu interior os numerais) conjuntos com a representação de várias quantidades: uma banana, dois peixes, três mangas e assim por diante.



- Trabalha-se a origem dos produtos e a intervenção humana- Questionar os alunos sobre a origem dos produtos que conhecem (qual árvore produz a tala?) e construir com eles um conceito simples de trabalho (ação do ser humano que transforma a natureza para produzir o que necessita para viver).

- Trabalham-se as características dos seres vivos – Em roda de conversa são pontuadas as diferenças entre os seres vivos e não vivos. Após, aprofundam-se os conhecimentos a respeito da espécie que fornece as talas da qual se tece o paneiro. Pode-se produzir um grande cartaz com exemplos de seres não vivos e outro com as informações da tala usada para fazer paneiro.

- Trabalham-se as múltiplas funções dos objetos - Utilizar o paneiro como cesta de basquete ou alvo onde as equipes devem acertar a bola.

- Trabalha-se a diversidade de culturas – Em grupos, os alunos podem entrevistar um comunitário a fim de descobrir para que os moradores utilizam o paneiro, se conhecem uma ou mais formas de confeccioná-lo, etc. Se não houver possibilidade de levar um comunitário à escola, pode perguntar aos alunos se conhecem pessoas que sabem fazer o paneiro ou se sabem para que o paneiro é usado pelos seus pais.

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica? Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!



Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

Na região em que vivemos existem algumas plantas cujas talas são usadas para a confecção do PANEIRO e outros artesanatos utilitários. Circule o nome das espécies encontradas com mais frequência em nossa comunidade e crie um texto contando onde você costuma encontrá-las.

CARANÃ JACITARÁ AMBÉ ARUMÃ BURITIZEIRO TUCUMÃ

Determine uma semana especial de estudo sobre os conhecimentos tradicionais e seus mestres. A cada dia, construa com os alunos uma atividade diferente sobre tema:

- 1)** Pode-se discutir inicialmente o que é conhecimento e o que é conhecimento tradicional. Com isso, é importante problematizar os motivos pelos quais a sabedoria de alguns povos deixou de ser ensinada e valorizada em nosso país;
- 2)** Proponha que o coletivo liste quais são os principais elementos da cultura tradicional, quem são seus protagonistas e dentre eles, os que o grupo considera mais fundamentais para a vida da comunidade;
- 3)** Estimule a formação de grupos para estudar mais a fundo os elementos escolhidos;
- 4)** A partir do estudo de cada grupo (na escola e fora dela), compartilhem as descobertas. Os desdobramentos dessa atividade serão base para as demais conversas/atividades da semana, como por exemplo:

- O que faz uma parteira? Quais são seus instrumentos de trabalho? Como se aprende a atividade? O que podemos aprender sobre o corpo humano partindo desse conhecimento?

- Quais problemas ambientais prejudicam o trabalho do pescador? Quais peixes estão na região em maior quantidade? Alguma espécie encontrada no passado desapareceu? O que é preciso para pescar (instrumentos, condições do tempo, etc.)? O que acontece no corpo dos trabalhadores da pesca (efeitos do sol, etc.)?

- O que se produz artesanalmente na comunidade? Qual a matéria prima utilizada? Qual o perfil dos artesãos locais? Quem compra? O artesanato é tão valorizado quanto o produto industrial vindo da cidade? Quais as diferenças (na produção, qualidade, preço, condições de trabalho, etc.)?

- Como é a relação da comunidade com as benzedeiras e os curandeiros? Por que em muitos lugares essas atividades não são valorizadas? O médico sabe mais que estes comunitários? O saber acadêmico (que se estuda na universidade) é melhor que o saber tradicional, ou são complementares?

Lembre-se que estes debates podem se materializar em produções de textos, livro com histórias contadas pelos alunos, cartazes, esculturas, pinturas, fotografia, mapa, linha do tempo e muito mais!

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica? Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSO TERRITÓRIO

Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

PORTUGUÊS

> Introdução às demais atividades:

Propor aos alunos uma brincadeira: completar a música que o professor iniciar. Em seguida, conversar sobre o que a música representa, de que maneira as cantigas infantis fazem parte da cultura e as semelhanças da letra com a paisagem da comunidade.

> Atividade escrita

Complete com as palavras que estão faltando na música e responda:

O _____ não lava o _____

Não _____, porque não quer.

Ele _____ lá na lagoa.

Não lava o pé, porque _____ quer.

Mas que _____!

1) A comunidade onde você vive tem lagoa ou igarapé? Fica longe ou perto da escola?

PORTUGUÊS/CIÊNCIAS/GEOGRAFIA

> Introdução

Apresente aos alunos o mapa da comunidade. Após localizar o lago, pode-se questionar a distância, o trajeto e os pontos de referência mais importantes. Organize um passeio até o lago.

> Desenvolvimento

1- Faça um desenho do trajeto feito da escola até o lago:



2- O que você observou de mais bonito e interessante?

3- E o que precisa melhorar?

• Professor (a): em uma caixa, organize objetos e figuras de elementos observados durante o passeio – pode ser uma planta, um saco plástico, um animal, etc. Peça às crianças que digam o nome da figura e relembrem em que momento ela foi vista no passeio. Depois, faça o registro dos relatos e escreva as palavras no quadro, para que todos possam observar à escrita.

MATEMÁTICA/GEOGRAFIA/ARTES

Represente a sala de aula em um cartaz com doze lugares para os alunos e um lugar para a mesa do professor. Peça aos alunos que se organizem em duplas e reproduzam o desenho no caderno a fim de solucionar o seguinte problema:

Determine a localização de cada sujeito, a partir das seguintes informações:

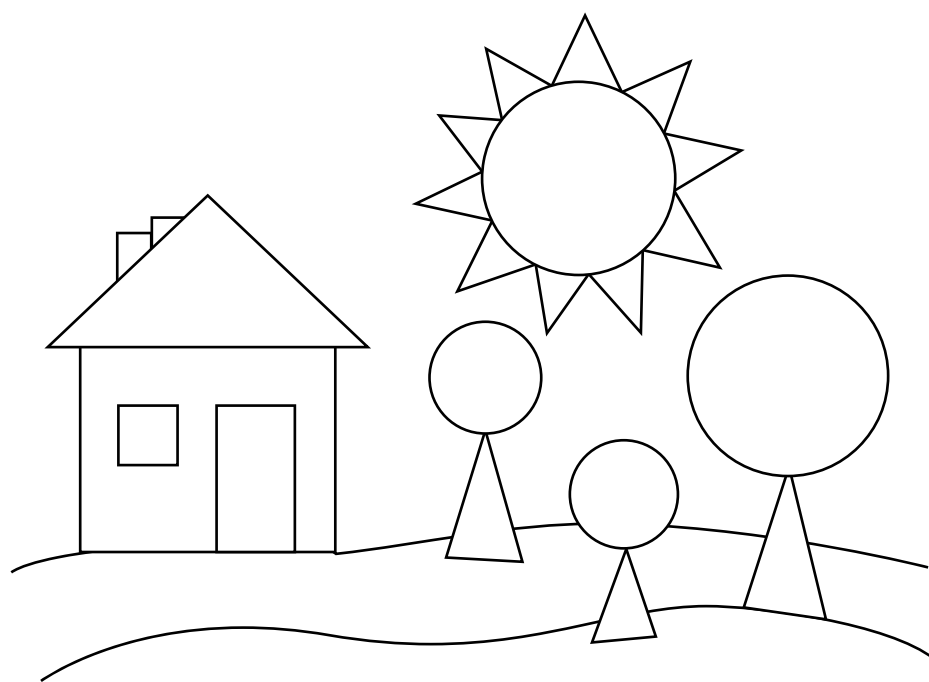
- 1) João é o que senta mais longe da professora;
- 2) Ana senta em frente à mesa da professora;
- 3) André e Felipe sentam-se lado a lado;
- 4) Carlos senta-se longe de João e ao lado da janela;
- 5) Maria senta-se perto da porta;
- 6) Joana senta-se ao lado de João e bem próximo de Felipe;
- 7) Júlia senta-se atrás de Carlos;
- 8) Rosa e Pedro sentam-se em frente ao quadro, sendo que Rosa está mais perto da professora que Pedro.
- 9) Sabendo que Camila senta ao lado de Pedro, onde se senta Fabiana?

Faça a correção coletivamente.



MATEMÁTICA/ARTES

Observe o exemplo da figura e faça um desenho representando sua comunidade utilizando formas geométricas.



Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

[illegible]



Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

Peça que os alunos tragam –dentro de suas possibilidades– itens para um café da manhã ou merenda. No dia de realização da atividade, disponha objetos, figuras e cartazes que representem o corpo humano e bons hábitos alimentares. Permita que os educandos manuseiem cada um (cesta com frutas do local, legumes, fotografias, etc.) enquanto conversam sobre o assunto.

PORTUGUÊS/CIÊNCIAS

Peça para que cada um registre a atividade por meio da escrita e de produção de uma imagem.

Complete com a letra C os espaços que correspondem a alimentos que precisam ser comprados e com a letra P os alimentos que são produzidos em sua casa.

____ tapioquinha, ____ açúcar, ____ chaperema, ____ café, ____ manga,
pequi, ____ arroz, ____ farinha, ____ açaí, ____ bolacha, ____ carne.

Organize três grupos (água, terra e floresta) para uma caminhada ecológica por um trajeto definido coletivamente – dando espaço para as sugestões dos alunos e estimulando-os a defender suas sugestões.

Discuta durante e após a atividade a importância de conservar e preservar esses ambientes naturais.



Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

[illegible]



Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

CIÊNCIAS/PORTUGUÊS/GEOGRAFIA

Proponha uma experiência aos alunos. Com uma garrafa PET cortada ao meio, coloque um pouco de adubo e enterre uma semente de milho, feijão ou coentro. Estimule a turma a cuidar do que foi plantado e fazer diariamente um registro visual e escrito da germinação da semente com. Durante o processo, trabalhe em roda de conversa as características geográficas da região, quais as plantas mais comuns, como o solo é cultivado, etc.

Pode-se também explorar os espaços escolares fora da sala de aula, organizando os alunos em equipes e entregando a elas uma plaquinha de madeira, na qual poderão escrever uma frase sobre educação ambiental para expor no jardim da escola, pátio ou quintal.

PORTUGUÊS/CIÊNCIAS

Após conversar com sua turma a respeito da importância da fauna e da flora para a vida dos seres humanos, escreva o que você pode fazer para colaborar na preservação do meio ambiente.

[illegible]

Exponha figuras retratando a floresta nas paredes.

Aproveite a roda de conversa para ouvir das crianças sobre o sentimento que elas têm pelos elementos presentes na floresta (animais, plantas, água, terra, etc.). Em seguida, os alunos podem listar alguns desses elementos, contá-los e escolher um para escrever uma frase e produzir um desenho.

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

[illegible]

PARADA PEDAGÓGICA: EXTRATIVISMO E ATIVIDADES PRODUTIVAS

Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

MATEMÁTICA

Resolva os problemas e ilustre-os no espaço abaixo:

1) Seu José e Francisco saíram para a pescaria. Cada um pescou 8 peixes. Quantos peixes eles tem no total?

2) Maria carregava 10 baldes com óleo de andiroba. No caminho, encontrou Dona Lúcia e deu a ela 3 baldes. Com quantos baldes Maria ficou?



3) João e Mara retiraram de sua roça e cozinham juntos 4 mandiocas. Cada um comeu 1 mandioca no almoço. Quantas sobraram para o jantar?

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica? Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!



Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

Use um espaço fora da sala de aula para fazer uma roda de conversa. Comece expondo diversos objetos (arte) e perguntando aos alunos o que eles são. Provavelmente eles dirão o nome de cada um (é um quadro, é uma escultura, é um vaso, e assim por diante). Conte que existe uma só palavra que pode representar todos os objetos: arte. Após construir um significado para esta palavra com o grupo, proponha uma breve discussão sobre porque e desde quando o ser humano produz arte (valorizando as expressões locais).

Partindo da roda de conversa proposta acima, solicite aos alunos que individualmente, em duplas ou grupos (estimule a autonomia das crianças dando a elas a possibilidade de escolher como se sentem mais produtivas e estimuladas). Oriente-os a produzir frases sobre a importância da arte para o povo brasileiro, tendo em vista o espaço que a mesma ocupa na realidade em que vivem. Estimule referências locais, como objetivos simbólicos (cestarias, pinturas, etc) que podem também ser identificados como arte. Use elementos mapeados no “Cardápio de Conhecimentos”.

Espalhe pela sala algumas imagens com pinturas de artistas brasileiros. Converse sobre como cada um deles vê a realidade e a expressa. Convide-os a se inspirar e produzir um registro cheio de significado sobre si mesmo, sua família ou qualquer outro aspecto do cotidiano.

Sugestões de imagens:



(Portinari)



(Tarsila do Amaral)



(Aldemir Martins)



(Claudia Nen)



(Grafismo indígena)



(Paulo Cesar Nascimento)

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica? Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

[illegible]



Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

Escrever na lousa as seguintes frases:

Meninas e meninos podem brincar e aprender juntos.

• Quais as brincadeiras mais legais em que meninas e meninos se divertem juntos?

Lembre-se que é importante que os alunos compreendam a organização social de sua comunidade. A divisão sexual do trabalho é um ponto fundamental a ser abordado, tanto para valorizar os costumes tradicionais, como para que as crianças possam expressar como se sentem diante deles e se gostariam de mudar algo.

Ao final da conversa, proponha que cada aluno escolha uma frase para reescrever, modificando seu conteúdo.

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

[illegible]



PARADA PEDAGÓGICA: NOSSAS BRINCADEIRAS

Ano/série: 1º e 2º ano do Ensino Fundamental

Produza com os alunos um cartaz (que ficará exposto na sala) contendo as brincadeiras que mais gostam. Combine que a cada semana realizarão algumas delas. Antes de começar, criem sempre uma descrição da brincadeira para ser escrita no caderno. Além disso, tentem descobrir a origem da mesma, se são realizadas de maneiras diferentes em outras regiões, etc. Sempre que possível, confeccionar o material necessário para brincar ao invés de trazê-lo pronto. Livros com histórias relacionadas também são muito bem vindos e podem ser lidos em roda após a atividade!

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?
Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

Handwriting practice lines on page 56.



Handwriting practice lines on page 57.



ATIVIDADES

ANO/SÉRIE: 3º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alguns objetivos para 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental:

- *Compreender globalmente o texto lido;*
- *Produzir vários gêneros textuais;*
- *Ampliar o conhecimento das regras gramaticais, utilizando-as;*
- *Reconhecer os espaços e elementos naturais e a interdependência entre os seres vivos;*
- *Identificar espécies em extinção e a necessidade de sua preservação;*
- *Conhecer o funcionamento do corpo humano como um todo;*
- *Apropriar-se da noção de “direito”, sobretudo dos direitos da criança e do adolescente;*
- *Diferenciar o modo de vida da cidade e do campo;*
- *Conhecer o mapa do lugar onde vive;*
- *Compreender o que é o trabalho e o que são as profissões;*
- *Representar os aspectos da cultura em sua complexidade;*
- *Aprimorar o diálogo e os relacionamentos;*
- *Consolidar as quatro operações matemáticas fundamentais;*
- *Localizar os fatos históricos no tempo e reconhece-los como constitutivos do passado, presente e futuro;*
- *Estudar os principais acontecimentos políticos do período, relacionando-os com a vida cotidiana;*
- *Problematizar as injustiças do passado e do presente, construindo propostas de ação para modifica-las.*

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSAS HISTÓRIAS

Tema: O pão mágico (encantado)

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

PORTUGUÊS

- Trabalha-se a leitura de imagens e a produção textual – Após receber uma imagem (ou vê-la exposta na lousa) relacionada à temática do peneiro, os alunos podem produzir um texto coletivo sobre sua interpretação. Por exemplo, o peneiro é muito usado nas comunidades para carregar mandioca. Estimule a imaginação dos alunos a contarem histórias locais a partir do texto, como por exemplo, a lenda da mandioca. Os textos também podem ser individuais – e trocados entre os alunos para leitura.



MATEMÁTICA

- Trabalha-se a resolução de problemas- O professor entrega aos alunos dez problemas envolvendo o número, peso ou preço de produtos que podem se guardados e carregados no panelinho, como farinha, peixe, outros, (pode também disponibilizá-los na lousa) e solicita que escolham cinco para copiar e resolver.

EDUCAÇÃO FÍSICA

- Trabalha-se o desenvolvimento motor e a criatividade – Os alunos são desafiados a criar versões dos jogos que conhecem inserindo o paneiro. O paneiro pode se tornar uma cesta para acertar com uma bola, por exemplo. Ao final, o grupo vota e define qual o melhor jogo para ser desenvolvido em seguida.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- Trabalha-se a noção de historicidade- Junto aos alunos, construir fichas que contenham perguntas sobre a história familiar. As mesmas deverão ser levadas para casa e preenchidas a partir dos relatos dos pais e demais familiares. Dias depois, as informações podem ser compartilhadas em sala de aula, o professor a partir disso pode estimular a confecção de uma linha do tempo.

ARTE

- Trabalha-se a concepção estética regional- Expor diversos artigos presentes na vida cotidiana e que expressam a concepção estética regional (paneiro, cuia, abano, etc.). Propor a produção de desenhos que representem essa concepção segundo a leitura dos alunos.

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!





PARADA PEDAGÓGICA: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E SEUS MESTRES (parteiras, pescadores, artesãos, benzedeiras, curandeiros, etc.).

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

MATEMÁTICA

Leve o paneiro para a sala de aula com grande quantidade de sementes de vários tipos em seu interior.

No “Jogo da mão cheia” as crianças serão convidadas a colocar a mão no paneiro e pegar um bom número de sementes. Observando o número de sementes que tem em mãos, completarão o quadro abaixo:

Número de sementes recolhidas	
Unidades	
Dezenas	
Centenas	
Escreva como se lê	
Crie um problema envolvendo o número de sementes que você recolheu no paneiro	

PORTUGUÊS/HISTÓRIA/ARTES

O professor explica ao grupo de alunos que o paneiro serve para carregar muitos elementos, inclusive histórias. Nesta atividade, deve-se colocar no paneiro a lenda do Muiraquitã.

As cópias do pequeno texto são entregues aos alunos para que colem no caderno e acompanhem a leitura do professor. Após, diversas questões sobre a lenda são lançadas:

- Quem conhecia a lenda?
- Alguém já ouviu a mesma lenda contada de forma diferente? Como era?
- Quem acredita que o Muiraquitã traz mesmo sorte?
- Quais alunos possuem um Muiraquitã? Eles já viveram alguma situação em que sentem que o amuleto lhes protegeu?

Em seguida à conversa, o professor pode solicitar aos alunos que façam uma reescrita da lenda, criando novos elementos para ela.

Adiante, são expostas as imagens do Muiraquitã com diversas cores e tipos de representação (ressaltando a importância da criatividade e da arte como expressão de nossa identidade). Os alunos são convidados a se inspirar e desenhar sua própria versão.

Sugestões de imagens:



1



2



3



4



PORTUGUÊS

Após a escuta e discussão do conteúdo da música “Paneiro” (caso os materiais necessários para escuta não estejam acessíveis, pode-se convidar alguém para cantá-la), solicite aos alunos que se organizem em grupos mistos (permitindo que tenham autonomia para trabalhar com quem quiserem, mas evitando que se formem grupos apenas com meninos ou meninas). Distribua entre os grupos tiras de papel com trechos da música embaralhados e desafie-os a descobrir a ordem correta das frases. O grupo que terminar primeiro deve auxiliar os demais para que finalizem a tarefa o mais rápido possível. Quando todo o coletivo concluir a tarefa, o paneiro trará um jogo ou objeto para brincarem antes da saída.

Letra da música a ser trabalhada:

PANEIRO
(Cancioneiro popular)

Paneiro é coisa comum
Em todo o barraco tem
Não custa muito dinheiro
Nem custa fazer também.

Mas quero guardar comigo
Pra sempre no coração.
A lição que o paneiro ensina
Como é bela a união.

As talas que viu a ufa,
Nas matas sem serventia
Mais agora de mãos dadas
Todas tem força e valia.

Mas quero guardar comigo
Pra sempre no coração
A lição que o paneiro ensina
Como é bela a união.

HISTÓRIA/GEOGRAFIA/MATEMÁTICA/PORTUGUÊS/ARTES

Organize uma feirinha com os alunos. Confeccione notas de dinheiro de brinquedo com os alunos (pode-se combinar outra representação para troca). Organize pequenos grupos, como: Vendedores de farinha, de paneiro, pe-neira, cuia, farinha, macaxeira e ervas. Além dos consumidores, vigilantes e visitantes. Peça que os alunos tragam todo o material têm em casa e pode ser utilizado. Cada grupo deve planejar a sua ação e os critérios para a venda dos produtos, levando em consideração a dificuldade para a confecção, o tempo, o valor comercial e principalmente, os conhecimentos tradicionais presentes nos produtos oferecidos na feira (estabeleça momentos de reflexão sobre cada produto e sua importância para a comunidade, peça aos alunos que busquem conhecer bem os produtos que serão vendidos). No dia da feira, proponha alguns desafios e tarefas. Como atividade de casa, você pode solicitar que os alunos façam um relatório dessa atividade.



Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?
Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

Handwritten notes in blue ink on lined paper, including the text: 'Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica? Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!' and a signature 'Prof.ª Maria da Glória'.

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSO TERRITÓRIO

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

GEOGRAFIA

1) Faça um mapa mostrando o caminho que você faz diariamente de casa para a escola.
Não se esqueça de destacar os seguintes pontos:

- Qual a rua mais distante da escola?
- É a mais próxima?
- Quais os principais pontos de referência?

Obs.: Para enriquecer o processo de construção dos mapas, distribua a turma em pequenos grupos e peça que estudem a fauna e a flora.
Também pode ser feita uma observação do mapa da comunidade com levantamento das mudanças ocorridas com o passar do tempo.



HISTÓRIA/PORTUGUÊS/CIÊNCIAS

Apresentar a música “Amazônia” estabelecendo relação entre a mesma e a realidade local.

AMAZÔNIA

Composição: Nilson Chaves

Sim eu tenho a cara do saci, o sabor do tucumã
Tenho as asas do curió, e namoro cunhantã
Tenho o cheiro do patchouli e o gosto do taperebá
Eu sou açaí e cobra grande

O curupira sim saiu de mim, saiu de mim, saiu de mim...

Sei cantar o “tár” do carimbó, do siriá e do lundú
O caboclo lá de Cametá e o índio do Xingu
Tenho a força do muiiraquitã
Sou pipira das manhãs
Sou o boto, igarapé
Sou Rio Negro e Tocantins

Samaúma da floresta, peixe-boi e jabuti
Mururé filho da selva
A boiúna está em mim

Sou curumim, sou Guajará ou Valdemar,
o Marajó, cunhã...
A pororoca sim nasceu em mim, nasceu em mim,
nasceu em mim...

Se eu tenho a cara do Pará, o calor do tarubá
Um uirapuru que sonha
Sou muito mais...
Eu sou, Amazônia!



1) Quais as características do Estado do Pará apresentadas na canção?

2) As frutas citadas na música são encontradas onde você vive?
E os animais?

3) Quais as lendas/histórias citadas na música você já conhece?

4) Conte uma dessas lendas/histórias aqui:

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica? Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

CIÊNCIAS/ ARTES/PORTUGUÊS

Entregue aos alunos uma folha com a descrição de cada grupo de alimentos e uma revista (ou imagens já previamente escolhidas). Peça que leiam, conversem entre si e organizem os grupos numa pirâmide alimentar. Para completar o trabalho, devem encontrar na revista alguns alimentos que tem o hábito de consumir (mandioca, farinha, peixe, etc.) e encaixá-los na pirâmide (ou colar no lugar correto as imagens recebidas). As produções podem ser expostas e corrigidas coletivamente.



Óleos e Gorduras: use moderadamente
Doces e Açúcares: use moderadamente



Construtores

Leites e derivados: 2 a 3 porções diárias
Leguminosas: 1 porção diária
Carnes, Feijão e Ovos: 1 a 2 porções diárias



Reguladores

Frutas: 3 a 5 porções diárias
Verduras: 4 a 5 porções diárias



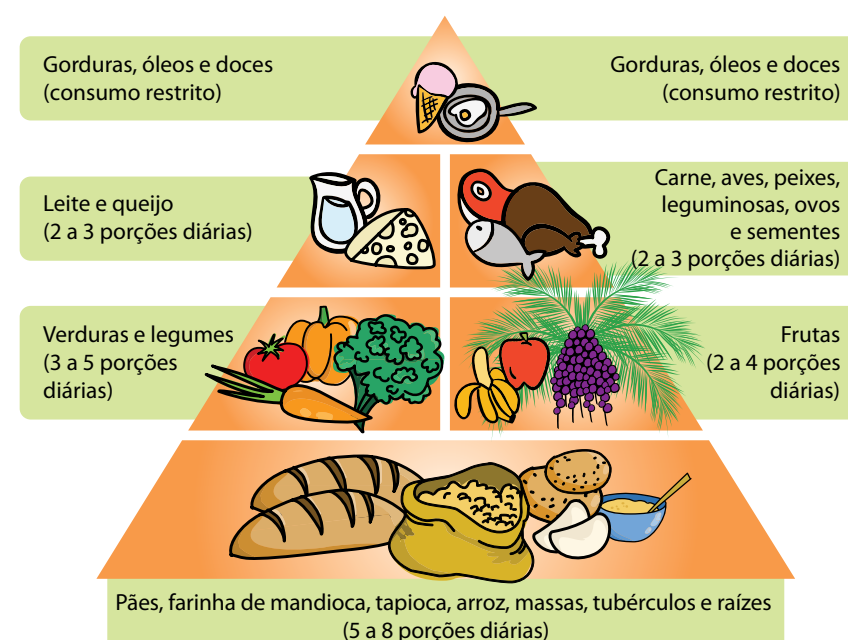
Energéticos

Pães e Massas: 5 a 9 porções diárias
Tubérculos e Raízes: 5 a 9 porção diária
Cereais: 5 a 9 porções diárias



Disponível em: <<http://www.sonutricao.com.br/conteudo/alimentacao/>>

A organização pode ficar assim (contendo os alimentos regionais):



Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!



PARADA PEDAGÓGICA: NOSSA ARTE

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

PORTUGUÊS/HISTÓRIA

Solicitar aos alunos que se reúnam em grupo para a realização de uma pesquisa sobre a arte local. Cada grupo escolherá uma expressão artística regional para estudar e produzir um registro que será apresentado à turma. Ao final das exposições, cada aluno escolhe a apresentação que lhe pareceu mais interessante e escreve uma redação a respeito.

PORTUGUÊS/ HISTÓRIA/ ARTES

Que tal organizar um encontro cultural na sala de aula? Para que ele aconteça pesquise com os alunos a história das danças, músicas e lendas da região. Os registros deste momento podem decorar o encontro, onde haverá dança, poesia, contação de histórias, música e comidas da região!

*Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?
Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!*



Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

CIÊNCIAS/ARTES/PORTUGUÊS/GEOGRAFIA

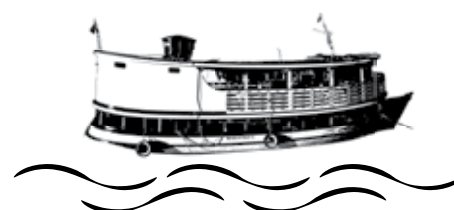
Divida a turma em seis grupos, correspondentes aos seis biomas brasileiros (Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal e Amazônia). O desafio de cada grupo será confeccionar um álbum para sua região. Apresente os conceitos de fauna e flora e peça que os alunos busquem, em diversas fontes de pesquisa, as características desses dois conceitos na região correspondente ao seu grupo. O trabalho pode ser articulado com as aulas de Geografia, para a qual as crianças podem pesquisar informações físicas sobre o ambiente, como relevo, clima e hidrografia. Ao final da atividade, estabeleça uma comparação entre os biomas tendo a Amazônia como referência.

PORTUGUÊS/GEOGRAFIA/HISTÓRIA/CIÊNCIAS

Sugira à turma que formem grupos de trabalho e proponha que cada um deles escolha um tema sobre a Amazônia, listados abaixo, para pesquisar e elaborar painéis com textos, fotos, mapas e dados apresentados em tabelas e gráficos:

1. Bioma – solos e fauna;
2. A água na Amazônia;
3. Diversidade sociocultural na Amazônia;
4. Transportes da Amazônia;
5. Cidades e urbanização da Amazônia;
6. Agropecuária na Amazônia;
7. Extração de madeira, desmatamento e queimadas na Amazônia;
18. Conservação da Amazônia.

Após a realização do trabalho, pode-se organizar uma exposição aberta à comunidade com apresentações dos alunos.



Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

PARADA PEDAGÓGICA: EXTRATIVISMO E ATIVIDADES PRODUTIVAS

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

Converse com a turma sobre as atividades produtivas da região. Oralmente, faça um levantamento do campo de atuação dos pais e demais familiares dos alunos explorando o conhecimento que os mesmos já possuem sobre o tema. Sugira que os alunos formem equipes para produzir notícias (sobre o tema) que serão transmitidas num jornal regional teatralizado pelos grupos.

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!



PARADA PEDAGÓGICA: ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

Imagine que essa família acaba de chegar à sua região. Escreva uma história contando com o máximo de detalhes porque eles vieram, descrevendo como vão viver e onde trabalharão.

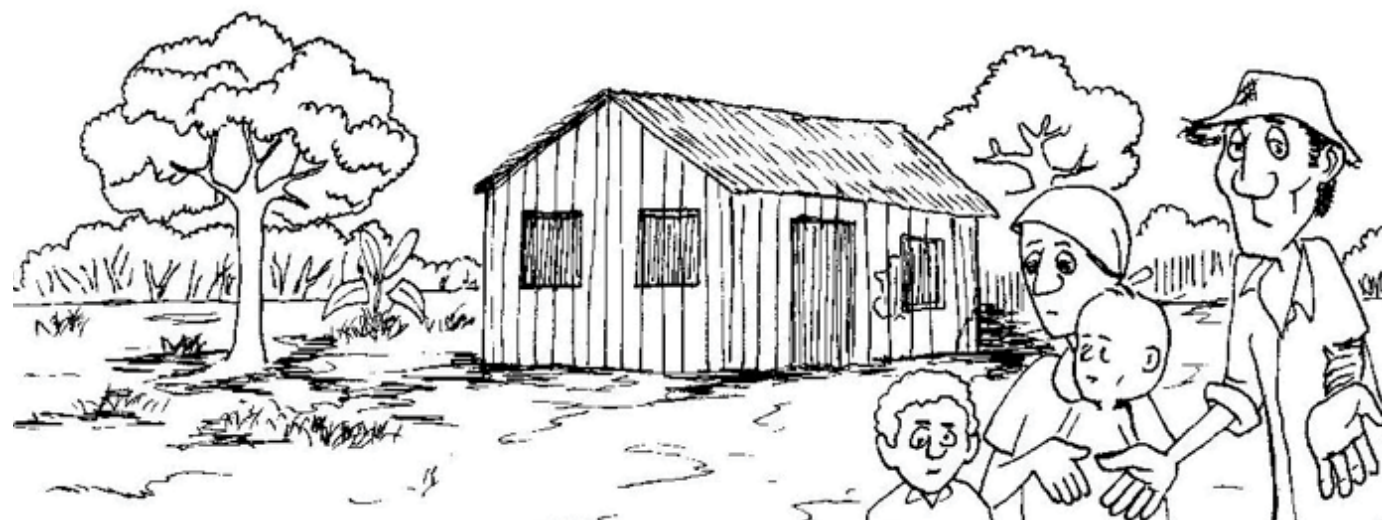


Ilustração do artista plástico Cerezo, no Boletim Nós Irmãos sobre fatos reais acontecidos na história do Acre 1984 - 1987. Disponível em <<http://cerezoac.blogspot.com.br/p/movimentos-sociais-e-religiosos.html>>

Professora (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!

PARADA PEDAGÓGICA: NOSSAS BRINCADEIRAS

Ano/série: 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

Convide os alunos a montar um grande caça palavras com os nomes de suas brincadeiras preferidas e trocá-lo com um colega. Ao término da atividade, por votação, escolham uma das brincadeiras citadas para ganhar uma nova roupagem. Inventem novas regras, registrem no caderno e brinquem para saber como ficou!

Professor (a), como foi o desenvolvimento desta Parada Pedagógica?

Registre aqui suas ideias e torne-se autor da história que está sendo escrita com este material!



ANOTAÇÕES GERAIS DO (A) PROFESSOR (A)

[illegible]

PARA LER E DESCOBRIR MAIS

Pedagogia do oprimido

Paulo Freire — Editora Paz e Terra

Ação cultural para a liberdade

Paulo Freire — Editora Paz e Terra

A importância do ato de ler

Paulo Freire — Editora Cortez

Educação e Mudança (Tradução de Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martin)

Paulo Freire — Editora Paz e Terra

Educação como prática da liberdade

Paulo Freire — Editora Paz e Terra

Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar

Paulo Freire — Editora Olho d'água

Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa

Paulo Freire — Editora Paz e Terra

O que é o método Paulo Freire

Carlos Rodrigues Brandão — Editora Brasiliense

A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus

Luís Grupioni Aracy Lopes da Silva - MEC/MARI/UNESCO

Linguagens e culturas infantis

Adriana Friedmann — Editora Cortez

Movimentos sociais e educação

Maria da Glória Gohn — Editora Cortez

História das idéias pedagógicas no Brasil

Dermeval Saviani — Editora Autores associados

Pedagogia Histórico-Crítica, primeiras aproximações

Dermeval Saviani - Editora Autores Associados

Escola e Democracia

Dermeval Saviani - Editora Autores Associados

Ideologia no livro didático

Ana Lúcia G. de Faria — Editora Cortez

Educação e luta de classes

Paulino José Orso, Sebastião Rodrigues Gonçalves, Valci Maria Mattos (org.) — Editora expressão Popular

Vygotsky - Uma perspectiva histórico-cultural da educação

Teresa Cristina Rego — Editora Vozes

Por uma Educação do Campo

Miguel G. Arroyo (org) — Editora Vozes

Temas e problemas no ensino em escolas do campo

Bernardete Wrublevski Aued (et. al - org.) — Editora Outras Expressões

Dicionário da educação do campo

Roseli Caldart, Isabel Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto (orgs.) — Editora Expressão Popular

Educação popular na escola pública

Ana Maria Duarte do Vale — Editora Cortez

Educação do campo - propostas e práticas pedagógicas do MST

Maria Antônia de Souza- Editora Vozes

Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação

Vitor Paro — Editora Cortez

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADERNO FORMAÇÃO. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/video-contrastes-educacao-brasil-cidade-campo-rural-723472.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2014.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Saber Tradicional. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 de dez. 2001.

CONCEITOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>. Acesso em 04 mai. 2014.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/ CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB, de 03 de abri. 2012.

COORDENAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ARTES. Disponível em: <http://portuguessemed.blogspot.com.br/2011/05/sequencia-didatica-o-que-e.html> . Acesso em: 23 abr. 2014.

DIEGUES, C. A;ARRUDA, R.S.V. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2000. 175 p.

GALLOIS. D. T. (Org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo: Iepé, 2006. 96 p.

GAMA, Maria Clara S. Salgado. **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação**. Disponível em <http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>. Acesso em 10 set. 2014.

Gomide, C. (ORG.). In: **Diagnóstico Marco Zero e Análise Curricular:** Experiência Piloto Projeto Escolas e Comunidades da Floresta: Territórios de Aprendizagem. Santarém: Projeto Saúde e Alegria/ SEMED/ Fundação Carlos Chagas. 2013. 122 p.

MOLINA, M. C.; MONTENEGRO, J. L. A . & OLIVEIRA, . L. L. N. A. **Das Desigualdades aos Direitos:** a exigência de políticas afirmativas para a promoção de equidade educacional no campo. Brasília, DF, 2009.

MOREIRA, M. A . **Aprendizagem Significativa Crítica**. PORTO ALEGRE, RS. Instituto de Física da UFRGS, 2010. 24 p.

NOVA ESCOLA- CONTRASTES DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: CIDADE X CAMPO. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/video-contrastes-educacao-brasil-cidade-campo-rural-723472.shtml>

SÓ PEDAGOGIA. Disponível em : <http://www.pedagogia.com.br/conteudos/construtivista.php>. Acesso em 23 abr. 2014.

EXPEDIENTE

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental - CEAPS
PROJETO SAÚDE E ALEGRIA - PSA

Coordenação Geral
Caetano Scannavino Filho
Eugênio Scannavino Netto

Coordenação de desenvolvimento Territorial
Programa Floresta Ativa
Tibério Alloggio

Coordenação de Organização Comunitária
Carlos Dombroski

Coordenação de Economia da Floresta
Davide Pompermaier

Coordenação Administrativa e Gerente de Projetos
Elaine Pisa

Coordenação de Educação e Comunicação
Fábio Anderson Rodrigues Pena

Coordenação de Inclusão Digital e Empreendedorismo Juvenil
Paulo Henrique Lima

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM
Secretaria Municipal de Educação

Secretária Municipal de Educação
Maria Irene Escher Borges

Assessor de Educação no Campo da Região de Rios
João da Silva Magalhães

Assessora de Educação no Campo da Região Planalto
Marluce Santos de Pinho

Coordenador de Educação Ambiental
Davirley Sampaio da Silva

Territórios de aprendizagem: guia de apoio pedagógico/
Fábio Pena (organização); Luiza Freire; Giuliana Henriques.
Santarém: CEAPS - Projeto Saúde e Alegria, 2015.
Vários colaboradores.

ISBN 978-85-68946-00-8 [CEAPS - Projeto Saúde e Alegria]

1. Educação. 2. Territórios. 3. Amazônia. 4. Reserva Extrativista

PROJETO ESCOLAS E COMUNIDADES DA
FLORESTA: TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM

Coordenação do Projeto
Fábio Anderson Rodrigues Pena

Equipe
André Barbosa
Elis Lucien
Adriane Gama
Magnólio de Oliveira
Gabriel Abreu
Lilian Campelo
Jucelino Filho

Equipe pedagógica da 1ª etapa do projeto
Betania Spangenberg
Cibele Gomide
Geresa Vidal

Equipe de consultores da 2ª etapa do projeto
Patrícia Guimarães da Silva
Maria Claudeci Rebelo
Giuliana Henriques
Luiza Freire

Equipe editorial
Fábio Pena (organizador)
Magnólio de Oliveira
Giuliana Henriques
Luiza Freire

Projeto gráfico e design
Fernanda Sarmento

Designer assistente
Bruna Yumi

Impressão
Gráfica Brasil

Agradecimentos
Professora Lucineide Pinheiro
Professora Solange Ximenes
Ana Toni
Cecilia Perlingeiro

C.E.A.P.S.
Av. Mendonça Furtado, 3979
Santarém/PA CEP 68040-050
Tel (+55) 93 3067-8000 3067-8005
e-mail: psa@saudeealegria.org.br
Site: www.saudeealegria.org.br

PROFESSORES PARTICIPANTES DO PROJETO

- 1. Adriana Godinho Imbiriba
- 2. Aldemara Amaral da Silva
- 3. Aldalice Benicio Rego
- 4. Antônio Gean Godinho Sousa
- 5. Ana Maria Brandão Borges
- 6. Andrelina Maduro
- 7. Celinaldo Costa de Sousa
- 8. Cleomara dos Santos da Conceição
- 9. Dinalice Silva Cardoso
- 10. Eliciane Ramos da Costa Santos
- 11. Eliane Amorim Goudinho
- 12. Elizabete dos Santos
- 13. Francinei Sousa de Oliveira
- 14. Francisco Cardoso Feitosa (Chico Malta)
- 15. Francisca Batista
- 16. Graciano Cordovil Valente
- 17. Helder Guilherme Pereira da Gama
- 18. Itaciara Nascimento Guimarães
- 19. Janete Miranda dos Santos
- 20. Joelma Oliveira Braz Rodrigues
- 21. Joelma Serique de Castro
- 22. José Maria Imbiriba
- 23. Joseane Rego Goudinho
- 24. Jucicleia Maria Ribeiro Batista
- 25. Jucilene Sousa dos Anjos
- 26. Lenildes Carneiro de Oliveira
- 27. Lia Maria Silva dos Santos
- 28. Leonaldo Oliveira dos Santos
- 29. Lorena Viana Almeida Garcia

- 30. Maria Telma Bentes Farias
- 31. Maria Ilenilda Rodrigues Xavier
- 32. Marlene da Silva Godinho
- 33. Maria das Graças Pinto Paz
- 34. Márcia Elaine Queiroz de Sousa
- 35. Maria Elisabete Santos do Carmo
- 36. Marinei Assunção dos Santos
- 37. Marineide Melo Lima
- 38. Marta Beatriz Moreira Miranda
- 39. Marinalva Colares Bentes
- 40. Mara Eleci Garcia Carvalho
- 41. Natalina dos Santos Rodrigues
- 42. Raimunda Bentes
- 43. Raimundo da Gama Silva
- 44. Renata Daiane Marques Miranda
- 45. Renata Alves Godinho
- 46. Renata Daiane Marques Miranda
- 47. Risonilson Castro dos Santos
- 48. Rosivânia Costa dos Santos
- 49. Rosiney Tapajós Sousa
- 50. Rosiney Sarmento
- 51. Rosenilma Branco Rodrigues
- 52. Rosineide Sarmento Nogueira
- 53. Ronilson Leandro dos Santos
- 54. Ruti Rico Rodrigues
- 55. Vera Lucia Ribeiro Aciole
- 56. Vagner Castro de Sousa
- 57. Wellington Sandro Costa Batista